

PERCORRENDO ESTRADAS: TRAJETÓRIAS DE UMA DESCENDENTE DE MIGRANTES NORDESTINOS NO INTERIOR DA AMAZÔNIA

Luana do Socorro de Oliveira¹

Resumo: O presente texto trata do memorial sobre a trajetória escolar de **Luana do Socorro de Oliveira**, ex-integrante do Programa Conexões de Saberes. Tem como objetivo apresentar os passos percorridos desde o início da educação básica até a entrada à UFPA e quais os principais entraves de estudantes das comunidades populares adentrarem o ensino superior público. A memória foi usada como principal referência para construção do material. Em seus resultados, apresenta os esforços individual e coletivo para que de fato a educação seja uma questão de direito e não de privilégio de poucos.

“Eu vim de longe para encontrar o meu caminho, tinha um sorriso e um sorriso ainda valia, achei difícil a viagem até aqui, mas eu cheguei, mas eu cheguei...”

Onde tudo começou

Nesta vida sempre temos momentos bons e ruins. A minha vida não se trata apenas de uma caminhada ruim, mas se trata de conquistas, de alegrias, e de momentos realmente marcantes, considerados especiais.

Nasci em Belém do Pará, em 16 de novembro de 1987, no hospital *Maternidade do Povo*, fui recebida com muito carinho pelos meus pais. Tenho sete irmãos, porque um faleceu quando eu tinha 15 anos. Um sofrimento muito grande, que nunca vai ser cicatrizado. Haja o que houver, passe o tempo que passar, nada vai tirar aquela cena de meus pensamentos e de meu coração.

Minha mãe chama-se Terezinha e meu pai chama-se Lino, duas pessoas que contribuíram muito para que eu pudesse cursar o ensino superior. Minha família tem origem nordestina: minha mãe é maranhense e meu pai é piauiense, e nenhum dos dois tem o ensino fundamental completo, pois naquele tempo meu pai parou de estudar para ajudar a mãe dele no trabalho; e minha mãe não terminou os estudos porque tinha que ajudar a mãe dela que trabalhava muito para sustentar os filhos.

¹ Especialização em Estudos da Linguagem Aplicados à Educação de Surdos pela Universidade Federal do Pará, e-mail: conexoesmulticampi@yahoogrupos.com.br

Quando meus pais se conheceram, minha avó não gostou muito do namoro dos dois, porque meu pai era pobre e ela achava que ele não teria condições financeiras para formar uma família. Após dois anos de namoro, meu pai casou-se com minha mãe no Maranhão. Logo depois a situação financeira se agravou; um amigo de meu pai o convidou para trabalhar em um armazém em Belém. Então, meus pais resolveram morar na capital do Pará, onde tiveram seus dez filhos, quatro mulheres e seis homens, dos quais sobreviveram apenas oito, porque dois faleceram ao nascer.

Minha mãe, para ajudar no sustento da casa alugada, abriu um salão de beleza que também era alugado. Como tinha muita vontade de ter seu próprio negócio, comprou um compartimento onde foi construindo aos poucos. Após um ano de muito trabalho ela abriu o tão sonhado salão. Minha irmã mais velha passou a ajudá-la: cuidava da casa, dos irmãos, e do salão. Como era muito trabalho, minha mãe contratou uma moça para auxiliar. Estávamos começando a nos estabelecer quando a moça que mamãe contratara para trabalhar conosco roubou o salão, passando o mesmo para o nome dela. Minha mãe ficou tão abalada que teve, como consequência, seu primeiro derrame.

Como já não havia mais o salão e o emprego do meu pai não pagava o suficiente para sustentar a família, um amigo dele, que era barbeiro, comentou que em Castanhal estavam vendendo terreno barato. Meus pais, então, foram morar nessa cidade, onde tiveram sua primeira casa própria. Era simples, de barro, mas estavam felizes por ter saído do aluguel. Meu pai, ao chegar à nova localidade, trabalhou vendendo farinha. Porém, depois da mudança, as coisas pioraram bastante. Minha mãe sofreu demais com a situação e teve seu segundo derrame. Resolveram vender o terreno e voltar a morar em Belém.

Quando chegaram novamente a Belém, meu irmão Olímpio começou a desenhar formas e a fazer artesanato de gesso, muito criativo, com formato de animais, vasos, cofres dentre outros, e começou a vender. Meus irmãos até hoje vendem artesanato de gesso na rua, mas precisam andar muito debaixo de sol ou chuva.

Meu pai, através das vendas na rua, conheceu um tenente que o convidou para trabalhar na Marinha. Foi uma alegria muito grande para a família, contudo essa conquista não pôde ser comemorada porque minha mãe teve seu terceiro derrame e ficou sem poder andar. Depois que meu pai começou a trabalhar, a situação financeira melhorou bastante, mas ele começou a consumir bebidas alcoólicas e a faltar ao trabalho, por esse motivo procuraram uma forma de tirá-lo do trabalho sem prejudicá-lo, dado que ele era novo e ainda não podia se aposentar, mas a Marinha decidiu aposentá-lo, assim mesmo.

Depois que se aposentou, meu pai tornou-se alcoólatra. Minha mãe, que não podia se aborrecer por causa de mais este sofrimento, pela quarta vez teve derrame. A partir daí, meu pai melhorou seu comportamento diante do alcoolismo.

Após um ano decorrido do último derrame da mamãe, eu nasci e morei em Belém até meu primeiro ano de vida, sou a caçula. E a experiência de ser a mais nova dos meus irmãos é a de que todos querem, até hoje, mandar em mim.

Como cheguei até aqui

Depois que minha mãe teve seu quinto derrame, fomos morar em Soure, na Ilha do Marajó, pelo fato de ser um lugar tranqüilo, diferente da cidade grande. Isso era muito bom para alguém que já tivera cinco derrames. Foi neste lugar que vivi momentos muito significativos na minha vida.

Meu pai não conhecia Soure, apenas havia escutado comentários de uma vizinha que dizia ser um lugar muito bom para se morar. Meus pais, quando chegaram lá, moraram de aluguel, em uma casa simples com apenas um compartimento. Depois eles compraram um terreno onde construíram uma casa de madeira, mas como a vontade do papai era um dia construir uma casa de tijolos, toda vez que ele saía e encontrava um tijolo na rua trazia para casa, e aos poucos meu pai foi construindo nossa casa.

Sou muito apegada aos meus pais, e sei o quanto já fizeram por mim, por quantas dificuldades já passaram para que meus irmãos e eu tivéssemos uma boa educação e, assim, fôssemos pessoas de bem. Minha mãe matriculou todos na escola, pois nunca deixou nenhum dos filhos sem aprender a ler e a escrever. Apesar de seus esforços, somente duas irmãs e um irmão terminaram o ensino médio, e eu sou a única que está cursando o ensino superior.

Comecei a estudar quando eu tinha três anos de idade, e desde então sempre estudei em escolas públicas, pois as condições de meus pais não permitiam que eu estudasse em escolas particulares. A primeira escola na qual ingressei foi a *Escola da Fraternidade*, nela aprendi a escrever as primeiras palavras e a ler meus primeiros livros, no entanto chorava muito para não ir à aula.

Quando terminei o Jardim comecei a estudar na *Escola Stella Maris*, uma das que mais gostei, tive muitos amigos e também tive rendimentos nas aulas e por este motivo, como era denominado antigamente, não fiz a primeira série atrasada, me passaram logo para a primeira forte. Minha mãe inicialmente ficou preocupada e me colocou para estudar com uma professora

particular. A verdade é que eu não levava muito a sério meus estudos, o que queria mesmo era só saber de brincar, mas Ana, minha irmã mais velha, que foi também uma das pessoas que contribuiu muito para meu progresso, estabelecia as horas para brincar, para estudar, para ver televisão, e sempre me corrigia quando eu estava fazendo algo errado.

Depois que fiz a primeira, a segunda e a terceira série, comecei a gostar muito de estudar, chorava para não faltar aula, dentro de mim havia o sonho de ser uma grande médica, pois a vontade que tinha era de um dia poder curar minha mãe.

Quando passei para a quarta série, minha mãe teve seu sexto derrame, isso fez com que eu achasse que não iria tirar boas notas, no entanto esta acabou sendo a série na qual tive um dos melhores desempenhos, pois tive professores dos quais eu gostava muito, e só tirei notas excelentes, eu passava a manhã inteira estudando Ciências a matéria que mais gostava, e estudando tabuada para me preparar para a sabatina.

Estudei no *Stella Maris* até a sétima série, pois meus pais acreditavam que não havia futuro continuar morando no interior, onde não havia oferta de emprego, e por esse motivo eles me encaminharam para estudar na capital.

Ao chegar a Belém morei no conjunto Verdejante II e fui estudar no *Colégio Nossa Senhora de Anunciação*, um colégio de freiras bastante rígido e disciplinar. Meus pais estavam muito felizes com a opção que fizeram; menos eu, pois toda mudança sempre traz prejuízos, porque quando me afastaram de Soure não me perguntaram se eu estava feliz com essa mudança. No entanto, eu estava triste e insatisfeita: fiquei longe dos meus amigos de infância, dos amigos de escola e de meus irmãos, o que me prejudicou muito. Entendo que a intenção dos meus pais era a melhor possível, mas não foi bem assim que aconteceu.

Houve também o lado positivo da mudança. Conheci novas pessoas, fiz novas amizades, companhias boas e ruins. Com as boas amizades eu conversava, passeava e me divertia; por outro lado também fiz amizade com jovens que usavam drogas, o que só descobri depois de um comportamento estranho de uma amiga minha. Depois de certo tempo, começaram a me convidar para fumar maconha, beber e a não assistir às aulas, inicialmente tentei conversar, para mostrar que aquilo que faziam não era o melhor caminho, mas me criticavam, me chamavam de santinha, foi então que resolvi me afastar. Tinha certeza de que não seriam boas companhias para mim, alguns do grupo ficaram até com raiva de mim, me chamavam de falsa, passei a ter medo deles. Não quis falar em casa o que estava acontecendo, para não preocupar minha mãe.

Inicialmente foi complicada essa nova vida em Belém; meu irmão Olímpio era alcoólatra, bebia praticamente todos os dias gerando muitas brigas em casa. Estragou-se no

vício, ele era tão inteligente, tinha tudo para ter uma carreira excelente, sabia desenhar magnificamente, resolver muito bem uma operação matemática, e construía casas perfeitamente. A casa que temos em Soure e em Belém foi ele quem construiu com meu pai, mas se prendeu ao vício citado anteriormente e isso o levou à morte.

Eu estava cursando a oitava série quando tudo aconteceu. Foi um momento muito difícil nesta fase da minha vida escolar. Meus pais estavam sem dinheiro e eu tinha que pegar ônibus todos os dias para ir para aula. Então, meu irmão Otávio, que era casado e tinha casa própria, nos ajudou muito, mas o esforço foi em vão. Por causa da morte de Olímpio, tive uma crise emocional muito grande e isso fez com que eu ficasse reprovada naquela série. Todos em casa ficaram tristes porque eu não consegui ser aprovada.

Quando passei para o ensino médio, voltei a estudar em Soure na *Escola Edda de Souza Gonçalves*, porque minha irmã tinha casado e minha mãe não poderia ficar sozinha em casa. Além disso, meu pai também gastava muito com passagem de ônibus. Fiquei um pouco triste, pois eu já estava acostumada a morar em Belém, depois me alegrei porque voltei a ver meus antigos amigos e conheci novas pessoas.

Foi nesta época que sofri outra crise emocional, pois minha mãe teve seu sétimo derrame. Nesse momento me desesperei, meu pressentimento era de que não conseguiria suportar passar por essa de novo, vê-la em uma cama de hospital à beira da morte foi muito ruim. Sempre admirei sua força diante daquela doença que não permitia que andasse; para minha alegria ela superou mais essa crise, e hoje percebo o quanto ela foi guerreira. Quando falo para alguém que minha mãe teve sete derrames e sobreviveu, pensam que estou brincando, acham a história incrível, ela ter tido sete derrames e estar viva, uma vez que existem pessoas que morrem ao ter apenas um.

No meu primeiro ano do ensino médio estava satisfeita porque não precisava pegar ônibus, ia caminhando para a escola. Quando passei para o segundo ano, a vontade de ser médica crescia ainda mais, ver sangue para mim era fascinante e ter aula de Biologia tinha se tornado excelente. Sonhava acordada, um dia poderia estar em um hospital ajudando pessoas e poderia comprar um carro para poder levar minha mãe em alguns passeios, coisa que ela não podia fazer, pois dependia dos outros para se locomover e dinheiro para táxi só quando fosse de extrema necessidade, como ir ao médico, porque para passeio não havia dinheiro suficiente. Porém eu já sabia que para os meus sonhos se tornarem reais seria necessário muito estudo.

Quando fiz o terceiro ano minhas responsabilidades nos estudos cresceram bastante, foi então que pedi para meu pai pagar um cursinho, pois eu precisava saber como seria uma prova

de vestibular, se realmente era tão difícil como ouvia em alguns comentários pela cidade. Falei para meus familiares que não iria passar e que tudo seria uma mera experiência para que no próximo ano eu pudesse estudar como se deveria e ter uma base de como seria a primeira prova.

Comecei a estudar para o vestibular e para o terceiro ano, mas a carga horária pesou demais, minhas notas em matemática estavam ruins e eu estava na iminência de ficar reprovada mais uma vez. Fiquei preocupada e comecei a estudar de madrugada para tirar boas notas, não queria desistir do cursinho apesar de saber que em Soure não havia o curso com o qual tanto sonhava. Pensei cursar Biologia porque era uma área mais próxima da Medicina, mas como para mim não passava de experiência resolvi fazer licenciatura em Letras, com habilitação em Alemão, pois era o curso que estava menos concorrido.

Quando fui fazer a primeira prova tinha certeza de que iria passar para segunda, a intenção era de fazer as duas primeiras fases, a terceira não estava em meus planos, eu só iria me dedicar mesmo no próximo ano quando já tivesse terminado o ensino médio. Eu queria ter um curso superior até mesmo para dar felicidade para as pessoas que sempre torceram por mim, e isto aconteceu mais rápido do que eu esperava. Tinha acabado de passar para terceira fase e estar dentro de uma universidade era uma grande alegria para mim.

Chegou o grande dia em que o resultado dos aprovados iria sair; no fundo eu estava ansiosa, minha irmã Adriane estava confiante de que eu iria passar e foi a primeira a escutar o resultado, a ouvir o meu nome ser anunciado no rádio. Foi uma felicidade muito grande não só para mim, mas para todas as pessoas que confiavam em mim. Ficar suja de ovo nesse dia foi uma das maiores emoções pelas quais já passei, e ter meus irmãos Odivaldo, Olivar e Andréya comemorando minha aprovação foi emoção maior ainda, pois eles estavam em Belém e vieram imediatamente para Soure só para me dar os parabéns.

Meu primeiro dia na universidade foi muito prazeroso, mas tomei um susto quando comecei a estudar Alemão, não era a área que eu queria e não tinha nada a ver comigo, também não iria valer a pena desistir sabendo que existiam pessoas que queriam estar no meu lugar, continuei com o curso e, em vez de desistir, queria aprender a gostar dele. Inicialmente foi difícil não conseguia absorver essa língua estrangeira, hoje já estou gostando um pouquinho do curso, pretendo concluí-lo e depois fazer outro vestibular para área que tanto gosto.

Quando comecei estudar na UFPA, sentia muitas dores de cabeça, as mesmas que sentia desde a sétima série, mas somente na universidade passei a senti-las mais intensamente. Já procurei vários médicos, mas nenhum deles resolveu o meu problema.

O primeiro médico que fui disse que era problema relacionado à visão e que precisava usar óculos, porém quando fui fazer os exames foi diagnosticado que minha visão estava perfeita. O segundo médico disse que era sinusite, receitou vários remédios, mas não trouxeram resultados, minhas dores continuaram. O terceiro médico que procurei diagnosticou que a causa de minhas dores era anemia e receitou vários remédios, os quais tomei e não resultaram em melhoras. Resolvi não consultar mais ninguém, já não suportava ouvir as mesmas coisas e só ter gastos com remédios.

Fiquei preocupada com minha saúde, pois eu não conseguia estudar, pensei até em desistir por causa disso, toda vez que havia algum trabalho para fazer em casa, eu chorava com medo de não conseguir tirar boas notas, apesar disso me esforcei para dar continuidade nos estudos. Foi um obstáculo que tive que enfrentar para continuar a estudar na universidade.

Não posso negar que tive sorte em participar de um projeto como o Conexões de Saberes. Através dele tive experiências boas para minha vida. Estou aprendo muito e crescendo intelectualmente. Conheci outros universos e novas histórias. Passei a refletir mais sobre as questões que envolvem o estudante de origem popular na UFPA, o estudante pobre em uma academia elitista, que oferece tão poucas oportunidades a pessoas como eu. Percebo que temos que lutar dia a dia para continuar estudando, e, contando apenas com o apoio da família, que faz *das tripas coração* para concluir com êxito o curso.

Agradeço a Deus por ser estudante desta Universidade e de ter a oportunidade de contar um pouco de minha história neste projeto. Foi uma sensação ótima lembrar e escrever a minha caminhada para chegar até o ensino superior, apesar de saber que a minha caminhada ainda não chegou ao fim, tenho objetivos a serem conquistados e barreiras a serem transpostas.

Nesses acontecimentos marcantes em minha vida, quero ressaltar a contribuição da minha família e, especialmente, dos meus pais, da minha irmã Ana e do meu irmão Otávio no que se refere ao meu crescimento educacional.